

# O processo de revelação do abuso sexual na percepção de mães

Samara Silva dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS – Brasil

Débora Dalbosco Dell’Aglío

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS – Brasil

**Resumo:** Este estudo investigou o processo de revelação do abuso sexual na percepção de mães das vítimas. Participaram 27 mães de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de abuso sexual intra ou extrafamiliar, com idade entre 20 e 48 anos, que estavam recebendo atendimento psicológico em serviços da rede de proteção. Foram realizadas entrevistas individuais, e as análises dos dados indicaram que a revelação do abuso ocorreu como um processo que envolveu três momentos: antecedentes da revelação, revelação propriamente dita e repercussões da revelação no contexto familiar. Nesse processo, estão envolvidas características da vítima, da família e do contexto em que estão inseridas. Discute-se a importância da rede de apoio familiar e também de serviços e profissionais qualificados para o enfrentamento dessa situação.

**Palavras-chave:** abuso sexual; violência sexual; crianças; revelação; mães.

## THE DISCLOSURE PROCESS OF SEXUAL ABUSE IN THE MOTHERS' PERCEPTION

**Abstract:** This study investigated the process of disclosure of sexual abuse in the perception of mothers of victims. Twenty-seven nonabusive mothers of sexually abused girls children and adolescent who were victims of intra or extra-familial sexual abuse participated, with aged between 20-48 years old, that attending services for situations of violence. Individual interviews were conducted and analysis of data indicated that the disclosure of abuse occurred as a process that involved three stages: the history of revelation, revelation itself, and repercussions of the revelation in the family context. In this process characteristics of the victim, his family and their context are involved. The importance of family support network and of qualified services and professionals to face this situation are discussed.

**Keywords:** sexual abuse; sexual violence; children; disclosure; mothers.

## EL PROCESO DE LA REVELACIÓN DEL ABUSO SEXUAL EN LA PERCEPCIÓN DE LAS MADRES

**Resumen:** Este estudio investigó el proceso de revelación del abuso sexual en la percepción de madres de las víctimas. Participaron 27 madres de niñas y adolescentes del sexo femenino víctimas de abuso sexual intra o extra familiar, con edad entre 20 y 48 años, que estaban recibiendo atención psicológica en servicios de la red de protección.

<sup>1</sup> **Endereço para correspondência:** Samara Silva dos Santos, Universidade Federal de Santa Maria, prédio de apoio da UFSM, Rua Marechal Floriano Peixoto, 1750, 3º andar, sala 315, Centro – Santa Maria – RS – Brasil. CEP: 97015-372. E-mail: silvadossantos.samara@gmail.com.

Fueron realizadas entrevistas individuales y los análisis de los datos indicaron que la revelación del abuso ocurrió como un proceso que envolvió tres momentos: antecedentes de la revelación, revelación propiamente dicha, y repercusiones de la revelación en el contexto familiar. En este proceso están envueltas características de la víctima, de la familia y del contexto en que están insertadas. Se discute la importancia de la red de apoyo familiar y también de servicios y profesionales calificados para el enfrentamiento de esa situación.

**Palabras clave:** abuso sexual; violencia sexual; niños; revelación; madres.

A violência sexual, segundo a Organização Mundial da Saúde (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002), é definida como qualquer ato sexual – ou tentativa – realizado por qualquer pessoa, independentemente da relação ou do grau de parentesco com a vítima. Inclui desde ações como o estupro até contatos que envolvam órgãos sexuais e objetos perpetrados sem o consentimento da vítima (Jewkes, Sen, & Garcia-Moreno, 2002). A revelação do abuso é um momento decisivo, no qual a vítima conta para alguém de confiança sobre a violência que lhe foi impingida (Faleiros, 2003), fazendo com que o segredo venha à tona. Em especial, com relação aos efeitos da revelação, frequentemente as vítimas temem a reação das pessoas próximas e as mudanças que essa informação provocará no funcionamento e na rotina familiar, principalmente quando o abuso é perpetrado por alguém da família ou de confiança (Furniss, 2002; Sanderson, 2005).

Um dos principais aspectos envolvidos na dinâmica do abuso sexual intrafamiliar diz respeito à questão da confiança e, mais especificamente, a questão do segredo. Nesse sentido, pode ser compreendido a partir da perspectiva da síndrome do segredo para a criança e a família, conforme descrita por Furniss (2002). A síndrome do segredo, compreendida pela relação interacional entre vítima e abusador, está relacionada a fatores externos (prova forense e evidência médica), a aspectos específicos do segredo e a fatores psicológicos internos (Furniss, 2002). O segredo, compartilhado entre vítima e abusador, envolve mecanismos de interação específicos expressos pelo contexto em que ocorrem os abusos, pela transformação da pessoa de confiança em abusador e por rituais de entrada e saída, que conduzem a anulação do abuso na própria interação abusiva. O segredo é internalizado e a vítima pode acomodar-se a situação de abuso, através de mecanismos dissociativos (Furniss, 2002).

Numa perspectiva sistêmica, a revelação de um segredo pode ter um efeito positivo para indivíduos e seus relacionamentos, mas também pode colocá-los em perigo (Imber-Black, 1994), principalmente em situações nas quais a integridade física e psicológica se encontra sob ameaça, sendo necessário um contexto apropriado para que a revelação ocorra. O segredo pode ter múltiplos significados e estar associado à demonstração de lealdade, forma alianças encobertas e define quem pode compartilhar e quem não pode, e a sua manutenção pode atravessar gerações (Imber-Black, 1994). Pode ser reforçado pela presença de ameaças de violência, castigo ou pelo fato de a vítima perceber essa prática como uma forma de tratamento especial e diferenciado, ou ainda porque pode gerar sentimentos de gratificação e prazer (Furniss, 2002).

Romper com esse padrão de relacionamento pode ser uma tarefa difícil para qualquer membro da família. Os processos de comunicação entre os membros de uma família podem ser influenciados pela presença de um segredo, direcionando os tipos de informações que podem circular entre os indivíduos da família (Imber-Black, 1994). Para algumas mães, pode ser difícil a revelação, por causa de diversos motivos, tais como manutenção da aparente situação de bem-estar conjugal e familiar, desmotivação para buscar ajuda, medo de perder o companheiro ou imposição de ter de escolher entre a criança ou o companheiro (Arabolaza & Piedra, 2001; Araújo, 2002; Furniss, 2002; Hooper, 1994). Estudos com mães de vítimas indicam a frequente presença de história materna de abuso sexual na infância (Carvalho, Galvão, & Cardoso, 2009; Hooper, 1994), e a revelação do abuso da filha pode acionar lembranças do próprio abuso, que podem interferir na forma de lidar com a situação.

Um aspecto que tem sido investigado como relevante para o prognóstico positivo das vítimas diz respeito à forma como as mães lidam com a situação de ter uma filha abusada sexualmente. O fato, por exemplo, de uma mãe acreditar no relato de sua filha vítima e tomar medidas de proteção poderá repercutir no modo como a própria vítima consegue elaborar a experiência traumática. Nesse sentido, estudos recentes têm explorado a capacidade das mães de enfrentar essa situação, buscando ajuda, e de oferecer apoio a suas crianças nesse momento de crise (Arabolaza & Piedra, 2001; Elliot & Carnes, 2001; Leifer, Kilbane, & Grossman, 2001; Paredes, Leifer, & Kilbane, 2001; Pintello & Zuravin, 2001; Plummer, Eastin, & Aldaz, 2009). A resposta materna, após a revelação do abuso, pode ser um importante fator para compor o ajustamento psicológico da criança.

Plummer (2006) entrevistou 125 mães, não abusivas, de crianças vítimas de abuso sexual e explorou a questão de como essas mães descobriram o abuso de suas crianças. Segundo a autora, a descoberta das mães sobre o abuso sexual de suas crianças não ocorre como um evento, mas como um processo, no qual as mães precisam juntar, numa espécie de quebra-cabeça, um conjunto de fatos, pressentimentos e fragmentos do que veem e escutam de suas crianças. Foi verificado que as mães tomam conhecimento do abuso de suas crianças por meio de uma variedade de recursos, como o próprio relato e comportamento da criança e informações obtidas com os profissionais. Quanto mais recursos a mãe dispõe para recolher informações que confirmem a ocorrência do abuso, maior a chance de acreditarem e de satisfazerem as necessidades de apoio e proteção de suas crianças nesse momento (Coohey & O'Leary, 2008).

Paralelamente a esse processo de descoberta do abuso sexual, as mães passam por um processo interno de aceitação do que aconteceu com suas crianças. Nesse processo, alguns aspectos aumentam a incerteza e outros confirmam a ocorrência do abuso e direcionam as ações e respostas das mães. Ao investigarem essa temática recentemente, Plummer *et al.* (2009) constataram os fatores que contribuem para a incerteza das mães sobre a ocorrência do abuso: em geral, as mães conhecem o abusador e sabem o que acontece com suas crianças, pois frequentemente estão por perto; os familiares mais próximos não acreditam na ocorrência do abuso; e as crianças costumam alterar

detalhes sobre o relato de abuso ao longo do tempo. Já os aspectos que corroboraram a certeza sobre o relato de abuso foram: a revelação da criança, os comportamentos e as respostas emocionais delas, a opinião de profissionais especialistas e os resultados de exames físicos.

Dessa forma, considerando que o segredo do abuso frequentemente é revelado às mães das vítimas e que a forma como conseguem lidar com essa situação pode auxiliar nos encaminhamentos que se seguem à revelação e no próprio tratamento da vítima, este estudo teve como objetivo investigar como mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual tomaram conhecimento do abuso de suas filhas.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 27 mães de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de abuso sexual intra ou extrafamiliar, que estavam recebendo atendimento psicológico em serviços especializados da rede de proteção. A idade das mães variou de 20 a 48 anos ( $M = 34,18$ ;  $DP = 8,00$ ), e a escolaridade, de ensino fundamental incompleto a superior completo. Os critérios para a seleção das participantes deste estudo foram: ser mãe de criança ou adolescente do sexo feminino vítima de abuso sexual intra ou extrafamiliar, conforme diagnóstico realizado pela instituição de atendimento; não ser caracterizada como perpetradora do abuso sexual de sua filha; apresentar condições cognitivas para entender as questões da entrevista; não ter apresentado tentativas de suicídio ou internação psiquiátrica nos últimos seis meses; e não ter envolvimento com disputa de guarda (litígio familiar).

### Instrumentos e procedimentos de coleta

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de abordar dados biossociodemográficos e questões relacionadas ao processo de revelação do abuso da filha. Após as participantes explicitarem os motivos do ingresso no serviço e a partir da pergunta "Como a Sra. ficou sabendo do abuso sexual de sua filha?", foram coletadas informações a respeito da percepção das mães sobre sinais ou indícios de alerta, como ocorreu a revelação propriamente dita, as suas reações ante a revelação e as repercussões desta.

A coleta de dados ocorreu no período de, pelo menos, um mês e no máximo dois anos após a revelação ou notificação de abuso por parte da vítima ou por igual período após a procura de atendimento para a vítima. Essa mesma variação de tempo para a coleta de dados foi relatada no estudo de Plummer *et al.* (2009). As entrevistas foram realizadas dentro das dependências físicas de três das quatro instituições contatadas, especializadas no atendimento às situações de violência, e tiveram, em média, uma hora de duração. As respostas das participantes foram gravadas e transcritas para a análise qualitativa.

## Procedimentos éticos

Os cuidados éticos referentes à conduta ética na pesquisa com seres humanos foram considerados, atendendo à Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia, sob protocolo nº 08/03. Foi solicitada a cada participante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O bem-estar das mães, durante as entrevistas, foi observado, tendo em vista que esse aspecto preocupa os pesquisadores da área, pois diz respeito ao fato de que, eventualmente, falar de questões relacionadas a experiências de vida dolorosas pode suscitar algum desconforto psicológico. Algumas mães se emocionaram durante a entrevista e receberam apoio psicológico da pesquisadora, mas nenhuma solicitou uma interrupção. Foi possível verificar a necessidade das mães de falar sobre suas percepções e sentimentos, pois foram frequentes relatos que expressaram satisfação por poder compartilhar suas experiências, demonstrando sentirem-se beneficiadas por participar da pesquisa.

## Resultados e discussão

Com base na análise qualitativa das entrevistas, serão apresentadas as características sociodemográficas e familiares das participantes, assim como suas percepções sobre o processo de revelação do abuso sexual de suas filhas. Os dados sociodemográficos e as características específicas das situações de abuso sexual que abrangeram esta pesquisa são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1. Dados sociodemográficos e características específicas das situações de abuso sexual**

	Idade da mãe	Escolaridade da mãe	Idade da filha	Idade da criança quando começou a ser abusada	Abusador(es)	Tipo de abuso e tipo de episódio	Quem fez a notificação
1	43	Ensino fund. inc.	12	9	Padrasto	Manipulação de genitais Episódio único	Abrijo de proteção
2	33	Ensino sup. inc.	12	12	Padrasto	Exposição à pornografia Múltiplos episódios	Mãe
3	28	Ensino fund. inc.	10	8	Tio	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
4	35	Ensino médio inc.	14	12	Pai biológico	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
5	41	Ensino fund. comp.	15	15	Desconhecido	Estupro Episódio único	Pai
6	53	Ensino fund. inc.	14	14	Vizinho	Intercurso sexual completo Múltiplos episódios	Mãe

(continua)

**Tabela 1. Dados sociodemográficos e características específicas das situações de abuso sexual** (continuação)

	Idade da mãe	Escolaridade da mãe	Idade da filha	Idade da criança quando começou a ser abusada	Abusador(es)	Tipo de abuso e tipo de episódio	Quem fez a notificação
7	23	Ensino fund. inc.	7	3	Pai biológico	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
8	47	Ensino médio comp.	11	7	Vizinho	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
9	45	Ensino sup. inc.	5	4	Babá e o namorado	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
10	34	Ensino fund. inc.	7	7	Vizinho	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
11	31	Ensino fund. inc.	7	6	Vizinho	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
12	22	Ensino fund. inc.	3	3	Vizinho	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
13	33	Ensino médio inc.	15	14	Conhecido da família	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
14	20	Ensino fund. inc.	5	4	Padrasto	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
15	36	Ensino fund. comp.	10	8	Tio	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
16	27	Ensino médio comp.	14	11	Padrasto	Intercurso sexual completo Múltiplos episódios	Mãe
17	30	Ensino médio comp.	8	8	Padrasto	Manipulação de genitais Episódio único	Tia
18	47	Ensino médio comp.	14	13	Professor	Intercurso sexual completo Múltiplos episódios	Mãe
19	27	Ensino fund. comp.	3	2	Primo da menina	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
20	29	Ensino médio comp.	8	8	Padrasto	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Tia
21	30	Ensino fund. comp.	12	12	Tio	Manipulação de genitais Episódio único	Mãe
22	38	Ensino fund. inc.	14	14	Pastor	Intercurso sexual completo Múltiplos episódios	Mãe
23	34	Ensino fund. inc.	11	10	Tio, padrinho do irmão	Sexo oral Episódio único	Mãe

(continua)

**Tabela 1. Dados sociodemográficos e características específicas das situações de abuso sexual** (conclusão)

Idade da mãe	Escolaridade da mãe	Idade da filha	Idade da criança quando começou a ser abusada	Abusador(es)	Tipo de abuso e tipo de episódio	Quem fez a notificação	
24	39	Ensino fund. inc.	5	5	Primo	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
25	24	Ensino médio comp.	7	5	Pai biológico	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe
26	42	Ensino fund. comp.	17	8	Pai biológico	Sexo anal Múltiplos episódios	Mãe
27	48	Ensino sup. comp.	17	7	Padrasto	Manipulação de genitais Múltiplos episódios	Mãe

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que a maioria das situações analisadas neste estudo envolveu abuso sexual intrafamiliar, demonstrando que a violência foi cometida por alguém de confiança da criança e da família. Na maioria das situações analisadas, a mãe foi a pessoa responsável por buscar ajuda e realizar o boletim de ocorrência policial.

### **A percepção materna sobre o processo de revelação do abuso sexual de suas filhas: análise do processo**

A partir de uma análise qualitativa das respostas das mães sobre como tomaram conhecimento da situação de abuso de suas filhas, pode-se identificar que o momento da revelação não envolve apenas o relato da violência sofrida. A revelação do abuso ocorreu como um processo e envolveu três momentos distintos: antecedentes da revelação, a revelação propriamente dita e as repercussões da revelação no contexto familiar.

O primeiro momento, antecedentes da revelação do abuso, pode ser identificado por meio das respostas das mães sobre como percebiam o comportamento de suas filhas momentos ou dias antes da revelação. Quando as mães foram questionadas sobre como tomaram conhecimento do abuso, frequentemente relataram que, antes da revelação, percebiam mudanças no comportamento de suas filhas, conforme a fala da participante 14: "Ela tava pedindo pra eu não trabalhar mais, ela falava pra mim: 'Mãe, não vai trabalhar'. E eu não percebi. Até hoje eu me pergunto por que eu não percebi".

Quatorze mães, ao lembrarem o comportamento de suas filhas antes da revelação do abuso, identificaram alguns sinais físicos como dificuldades e queixa de dor ao urinar, constipação, sintomas de infecção relacionados a doenças sexualmente transmissíveis e outros sinais, como agressividade para com os irmãos e medo de ficarem sozinhas. Esses sinais eram geralmente associados à saúde da criança ou a dificuldades

e conflitos escolares. De fato, não há uma síndrome clínica específica das crianças sexualmente abusadas, e estas podem apresentar uma grande variedade de sintomas ou mesmo nenhum (Machado, 2005), o que repercute diretamente na identificação dos casos. Diversos estudos que investigaram as consequências físicas, comportamentais, emocionais, cognitivas e sociais em vítimas de abuso sexual relataram a presença de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade (Borges & Dell’Aglia, 2008; Briere & Elliot, 2003; Paolucci, Genuis, & Violato, 2001; Tyler, 2002). A literatura especializada tem contribuído para o esclarecimento dessa questão, contudo, mesmo que uma pessoa apresente sintomas indicativos de ter sido vítima de abuso sexual, é necessário cuidado ao fazer essa afirmação, uma vez que os sintomas podem estar associados a outros eventos estressores. Além disso, é importante destacar que o fato de uma vítima de abuso sexual não apresentar sintomas ou psicopatologias não significa que o abuso não ocorreu. As vítimas que são identificadas como assintomáticas podem apresentar sintomas posteriores à avaliação ou em estágios subsequentes do desenvolvimento (Machado, 2005). Dessa forma, em crianças suspeitas de terem sido vítimas de abuso sexual, a avaliação clínica deve ser realizada de forma cuidadosa, por profissionais especializados e treinados, pois se trata de um fenômeno complexo. Nesse primeiro momento do processo de revelação do abuso, que envolveu a percepção das mães sobre sinais comportamentais e emocionais das vítimas, verificou-se que, para 12 mães, a identificação desses sinais funcionou como uma espécie de alerta, fazendo com que ficassem mais atentas aos comportamentos de suas filhas. Nas outras 13 situações, as mães não chegaram a relatar observação de mudança no comportamento de suas filhas, relacionando-as ao episódio de abuso. A dificuldade dessas mães em identificar esses sinais de alerta reforça a ideia de que não há uma síndrome clínica específica da criança sexualmente abusada, mas também pode sugerir uma falta de atenção às necessidades de suas crianças.

O segundo momento, que trata da revelação propriamente dita, abrange a descrição das participantes sobre para quem a filha revelou o abuso e em que circunstâncias isso ocorreu, além de envolver as reações das mães diante da revelação. Nas situações avaliadas, o abuso sexual foi revelado pela primeira vez para a própria mãe em 16 casos; para algum outro parente, como avós, tias, madrinhas ou outra pessoa de confiança da família, que era responsável pelo cuidado da criança, em oito casos; para algum profissional da rede de proteção, como a psicóloga ou professora em três casos. Como descrito anteriormente, 14 mães percebiam que algo de estranho estava acontecendo com suas filhas, mas oito tomaram a iniciativa e utilizaram essa observação para questioná-las: “Tu vai notando, juntando as coisas, o comportamento dele e dela” (participante 26). Foi nesse contexto específico que, geralmente, ocorreu a revelação do abuso. A fala da participante 21 exemplifica esse momento: “surpreendi ela chorando assim de madrugada. Aí eu: ‘Bah, por que será que essa guria tá chorando?’. Aí tá, não dormi a noite inteira assim preocupada, né? No outro dia eu perguntei o que tava acontecendo de errado foi quando ela me falou”. Nas outras quatro situações, as mães compartilharam suas observações com outros familiares, geralmente a

mãe e uma irmã, e, em conjunto, conversaram com a vítima. Dinâmica semelhante sobre esse momento do processo de revelação para as mães foi discutida no estudo de Plummer *et al.* (2009), em que mais da metade das mães entrevistadas relataram que já suspeitavam de algo e tomaram iniciativa para questionar.

Em dez casos, a própria criança vítima teve a iniciativa de revelar os abusos sofridos: seis revelaram para as mães e quatro para outro familiar ou pessoa de confiança da vítima. De acordo com Furniss (2002), nem sempre os abusos são revelados no contexto familiar. A pessoa escolhida pela vítima para contar sobre a violência pode pertencer à rede de proteção institucional (escola, conselho tutelar e posto de saúde). Em três situações, a revelação do abuso foi realizada para um profissional. As vítimas não descreveram a violência sofrida de forma espontânea, relataram após terem sido questionadas pelos profissionais que já suspeitavam de algo. Para o profissional abordar uma criança a respeito de uma suspeita de abuso sexual, é necessário, além de reunir evidências suficientes que justifiquem essa abordagem, estabelecer uma relação de confiança e paciência para escutar os detalhes do relato (Furniss, 2002). Para os profissionais, pode ser útil compartilhar suas suspeitas com os demais colegas da rede institucional de proteção, a fim de evitar qualquer intervenção precoce que possa ser tratada de forma desarticulada, gerando ações fragmentadas e emergenciais (Faleiros, 2003).

O tempo entre o último episódio de abuso e a revelação variou consideravelmente, pois, numa situação, a revelação ocorreu no mesmo dia do primeiro episódio de abuso, e, em outra, a criança foi vítima por seis anos consecutivos. Para oito mães, um dos aspectos que contribuíram para que a revelação do abuso ocorresse tanto tempo depois do primeiro episódio diz respeito à clara presença de ameaças. Na situação em que o abuso perdurou por seis anos, a demora em revelar foi associada pela mãe ao fato de a vítima desejar muito conviver com a figura paterna: “De tudo que ele fez ainda, a queixa dela é de que ela não tem mais o pai” (participante 26).

Esse momento da revelação propriamente dita também envolveu as reações das mães ante a notícia. A incerteza sobre a ocorrência do abuso mobilizou três mães que, ao tomarem conhecimento do abuso de suas filhas, questionaram-nas sobre a veracidade do relato, demonstrando o clima em que ocorreu a conversa com suas filhas: “Eu digo, tu tá falando a verdade? Minha filha, tu não tá mentindo?” (participante 7). Por vezes, a conversa com a vítima foi conduzida num clima de ameaça: “Tu não tá mentindo? Eu não acredito que tu vá mentir pra mim... É bom que tu fale a verdade, porque isso aí é uma coisa séria” (participante 22) e “Tu não tá inventando tudo isso aí? Isso aí vai dar polícia, nós vamos lá na delegacia, tu vai ter que enfrentar ele” (participante 21). A forma intensa e, muitas vezes, ameaçadora utilizada para questionar as vítimas sugere uma preocupação das mães com a questão das falsas acusações. Enquanto as mães ouviam sobre a revelação do abuso sexual de suas filhas, uma série de questionamentos lhes surgia, para além das questões sobre a ocorrência ou não do fato relatado. Entre as evidências que convenceram as participantes deste estudo sobre a ocorrência do abuso destacam-se: a reação emocional da criança antes e depois

da revelação, o histórico comportamental da criança (não tinha o costume de mentir, por exemplo), a opinião dos familiares e profissionais, e, principalmente, o fato de a vítima relatar a experiência com detalhes. A maioria (72%) acreditou no relato de suas filhas e tinha consciência de que era necessário tomar alguma atitude para protegê-las.

Outro aspecto que contribuiu para que nove mães (36%) acreditassem no relato de abuso sexual de suas filhas foi o fato de também terem passado por essa experiência durante a infância ou adolescência. Ao tomarem conhecimento do abuso sexual de suas filhas, as mães relataram reviver a sua própria experiência:

Parece que repetiu a dose na minha vida. Parecia que era comigo de novo... Mexeu com toda a minha vida. Todos sabiam, mas ninguém fazia nada, entendeu? Meu pai continuou morando dentro de casa, eu tendo que encarar. Eu me botei no lugar dela, do jeito que ela tava se sentindo. Eu senti a mesma coisa. Ela tinha medo dele, eu também sentia medo do meu pai, entendeu? (participante 21).

As lembranças dos abusos sofridos na infância e as reações dos familiares deixaram marcas na vida dessas mulheres e a possibilidade de conduzirem de forma diferente a revelação do abuso de suas filhas: “Quando ela me contou, eu explodi, eu tive muita raiva, eu chorei muito, porque voltou tudo na minha cabeça... a minha mãe não fez nada por mim” (participante 7). Outros estudos nacionais (Narvaz & Koller, 2005; Santos & Dell’Aglio, 2007) também apontam a repetição das histórias de abuso sexual, revelando a multigeracionalidade desse tipo de violência.

As reações das mães ante a revelação do abuso envolveram choque, desespero, raiva e culpa. Nove mães buscaram ajuda, informação e orientação, e seis confrontaram o abusador. No estudo de Carvalho *et al.* (2009), o sentimento de culpa e impotência também foi verbalizado pelas mães, por não terem conseguido proteger suas filhas e evitar o abuso.

O terceiro momento, repercussões da revelação no contexto familiar, envolveu medidas de proteção às vítimas e mudanças na rotina e dinâmica familiar. As medidas de proteção às vítimas observadas nos casos estudados foram: realização do boletim de ocorrência policial, afastamento do convívio entre vítima e agressor, e abrigamento da vítima. Nos casos avaliados, a maioria das notificações foi realizada por alguém da família, mãe, pai ou tia. Em apenas uma situação, a ocorrência do abuso foi realizada por uma instituição de proteção. Vinte e três mães realizaram a notificação do abuso sexual de suas filhas, e nove contaram com o apoio de familiares e amigos para acompanhá-las nessa tarefa. De acordo com Plummer (2006), mães que receberam apoio de pessoas próximas nesse momento tendem a apresentar mais ações de proteção.

Em todos os casos, houve afastamento entre a vítima e agressor. Nas 11 situações em que os pais ou padrastos foram identificados como supostos perpetradores da violência, a proteção das vítimas ocorreu por meio de separações conjugais (oito casos), e, em três situações, em que o casal já estava separado, as mães passaram a supervisionar os contatos. Nesses casos, observaram-se a dinâmica e a força das interações, evidenciando a necessidade de as mães demonstrarem consistência em suas decisões, conforme se

pode observar neste relato: “Mãe, eu quero ir lá na casa do pai brincar com as minhas primas... eu dizia que não, e ela chorava” (participante 25). Para a criança vítima, o abusador é também o pai que oferece cuidados e carinho, não é abusador em tempo integral, transforma-se na pessoa que abusa (Furniss, 2002). No abuso sexual intrafamiliar, inicialmente a intervenção deve proteger a criança vítima de novas investidas do abusador.

Em alguns casos, a proteção ocorre por meio da retirada da vítima de sua casa. Para duas adolescentes vítimas, o abrigo foi a alternativa encontrada para sua efetiva proteção, tendo em vista o fato de as mães não acreditarem no relato e, consequentemente, as dificuldades de relacionamento com as filhas, após a revelação: “Vem um turbilhão de perguntas na tua cabeça, sem resposta nenhuma. Ele é um excelente pai, um bom companheiro, um bom marido, eu não posso julgar, eu não posso dizer que ele é culpado” (participante 16) e “Eu, assim, no meu sentimento, como companheira dele, eu confio plenamente nele... é difícil de deixar o sentimento ir por água abaixo” (participante 1). A justificativa narrada por essas mães reflete um aspecto muito específico da dinâmica do abuso sexual intrafamiliar, na qual a figura materna é convocada a escolher entre a criança ou o companheiro. Considerando o desfecho da revelação do abuso e a qualidade do relacionamento entre mãe e filha, em algumas situações, a retirada da criança de sua casa é a única alternativa plausível. Entretanto, a negação do abuso não significa que as famílias recusem ajuda, pelo contrário pode indicar que estão assustadas, que não se sentem capazes de lidar com essa situação, por isso é necessário que os profissionais compreendam a natureza interacional do abuso sexual e possuam habilidades para identificar e gerenciar a dinâmica que envolve essa situação (Furniss, 2002).

Se, em duas situações, a revelação do abuso sexual afastou mães e filhas, em outras contribuiu para uma maior aproximação. Na tentativa de acolher as filhas e oferecer um cuidado diferenciado a elas, três mães decidiram se afastar do trabalho e dos estudos: “Eu resolvi parar tudo, parei a faculdade, resolvi parar com o trabalho pra poder dar atenção” (participante 9). Algumas mães, no estudo de Plummer *et al.* (2009), relataram que, após a revelação do abuso, observaram mudanças positivas no relacionamento com suas crianças e que a experiência contribuiu para que ficassem mais protetivas, próximas e atentas às necessidades de seus filhos.

As medidas de proteção também envolveram mudanças na rotina e dinâmica familiar: “A gente tem que viver que nem um prisioneiro, tem que tá olhando ela a toda hora, com medo que ele possa pegar... isso que eu já me mudei da onde aconteceu isso, mas mesmo assim” (participante 11). Essas alterações podem ocorrer nas relações interpessoais, na medida em que uma atenção diferenciada é direcionada à vítima, ou pode ocorrer de forma mais concreta, envolvendo mudança de endereço (quatro situações) ou de escola: “Eu me mudei, vendi minha casa, me mudei pra tentar ter uma vida nova. Vai fazer dois anos que eu estou em estado de mudança, tive que abandonar meu emprego. Eu recomecei a minha vida” (participante 20). As mudanças decorrentes da descoberta do abuso não afetam somente a vítima e sua mãe, mas também

interferem na rotina e dinâmica dos demais membros da família. Nesse momento de crise, a intervenção proporciona espaço para oferecer apoio, fazendo com que a pessoa se sinta segura e perceba as consequências positivas de suas decisões (Conselho Federal de Psicologia, 2009).

Este estudo investigou como mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual tomaram conhecimento do abuso de suas filhas. A análise das respostas das mães indicou que a revelação do abuso ocorreu como um processo interativo entre as comunicações da criança e as percepções e observações das mães. Esse processo envolveu três momentos distintos: antecedentes da revelação, a revelação propriamente dita e as repercussões da revelação no contexto familiar. Esses momentos foram separados de forma didática, para permitir uma melhor visualização do processo de revelação, entretanto podem ocorrer simultaneamente. Por exemplo, enquanto uma mãe escuta de sua filha o relato de abuso sexual, pode buscar registros, em sua memória, de alguns elementos que possam estar associados ao fato relatado (reações emocionais e comportamentais da criança ou comportamento do suposto abusador), na tentativa de formular uma conexão lógica com o que é relatado.

A forma como as mães tomaram conhecimento do abuso sexual evidenciou características pessoais, envolvendo suas próprias histórias de vida, e características interpessoais, da relação conjugal, do relacionamento entre mãe e filha e do funcionamento familiar, refletindo inclusive a necessidade de intervenções. Ao tomarem conhecimento dessa violência, as mães manifestaram a necessidade de reavaliar vários aspectos do passado, do presente e do futuro de suas vidas, para poderem construir novas perspectivas de vida. A maioria das mães participantes deste estudo acreditou em suas filhas, registrou boletim de ocorrência e se revelou preocupada com a proteção e com as necessidades de suas filhas. No entanto, há casos em que essa dinâmica não está presente, ou seja, as mães não acreditam em suas filhas ou colocam-se a favor dos abusadores.

A revelação propriamente dita é resultado da interação de diversos fatores, que envolvem as características individuais da vítima (espontaneidade para relatar), da pessoa de confiança (disponibilidade para escutar e reação), as características do tempo (momento escolhido ou oportunidade para revelar) e do contexto (local onde ocorre a revelação). Os resultados demonstraram que a revelação do abuso é um processo, ou seja, não ocorre num tempo determinado e marcado. Trata-se de um momento delicado, no qual qualquer atitude precipitada pode interromper o processo de revelação. Ao vencerem a barreira do silêncio, a vítima e sua família necessitam de apoio e de serviços e profissionais qualificados que possam auxiliar a lidar com essa situação. Nos casos aqui mencionados, os primeiros instantes, depois da confirmação de que houve abuso sexual, foram os mais críticos, pois decisões precisaram ser tomadas e afetaram direta ou indiretamente todos os membros da família. O apoio da família e de profissionais fez com que essas mães se sentissem um pouco mais seguras para administrar a crise familiar. Ao sentirem-se apoiadas, as mães transmitem esse apoio às suas filhas.

Estratégias para enfrentar e prevenir a violência sexual contra crianças e adolescentes têm sido uma preocupação constante de diversos profissionais e uma vontade política no país, embora ainda se possa verificar a necessidade de otimizar recursos humanos e materiais e de ampliar e implantar serviços que possam dar efetivamente conta dessa demanda (Paixão & Deslandes, 2010). Para que haja uma intervenção nessa questão, ações integradas e articuladas entre segurança pública, saúde, educação e justiça são de grande importância (Campos *et al.*, 2005). A produção de conhecimento também tem contribuído para lidar com essa questão, oferecendo, por meio dos resultados de pesquisas, elementos para subsidiar estratégias de prevenção e intervenção junto a essa população. Contudo, um desafio para futuras pesquisas é abranger um número maior de casos e realizar um acompanhamento longitudinal.

## Referências

---

- Arabolaza, O. G., & Piedra, C. V. (2001). Abusos sexuales: una situación de desprotección. *Medifam*, 11(1), 41-51.
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- Briere, J., & Elliott, D. M. (2003). Prevalence and psychological sequelae of self-reported childhood physical and sexual abuse in a general population sample of men and women. *Child Abuse & Neglect*, 27(10), 1205-1222.
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2008). Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEP) e prejuízos cognitivos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 371-379.
- Campos, M. A. M. R., Schor, N., Anjos, R. M. P., Laurentiz, J. C., Santos, D. V., & Peres, F. (2005). Violência sexual: integração saúde e segurança pública no atendimento imediato à vítima. *Saúde e Sociedade*, 14(1), 101-109.
- Carvalho, Q. C. M., Galvão, M. T. G., & Cardoso, M. V. L. M. L. (2009). Abuso sexual infantil: percepção de mães em face do abuso sexual de suas filhas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17(4), 501-506.
- Conselho Federal de Psicologia. (2009). *Serviço de proteção social a criança e adolescentes vítimas de violência, abuso e exploração sexual e suas famílias: referências para a atuação do psicólogo*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Coohy, C., & O'Leary, P. (2008). Mothers' protection of their children after discovering they have been sexually abused: an information-processing perspective. *Child Abuse & Neglect*, 32, 245-259.
- Elliot, A. N., & Carnes, C. N. (2001). Reactions of nonoffending parents to the sexual abuse of their child: a review of the literature. *Child Maltreatment*, 6(4), 314-331.

- Faleiros, E. (2003). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: os (des)caminhos da denúncia*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Furniss, T. (2002). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hoopper, C. A. (1994). *Madres sobrevivientes al abuso sexual de sus niños*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Imber-Black, E. (1994). Segredos na família e na terapia familiar: uma visão geral. In E. Imber-Black (Org.). *Segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jewkes, R., Sen, P., & Garcia-Moreno, C. (2002). Sexual violence. In E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi, & R. Lozano (Org.). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). (Org.). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Leifer, M., Kilbane, T., & Grossman, G. (2001). A three-generational study comparing the families of supportive and unsupportive mothers of sexually abused children. *Child Maltreatment, 6*(4), 353-364.
- Machado, C. (2005). Avaliação da credibilidade de alegações de abuso sexual: consensos e controvérsias. *Psicologia, Educação e Cultura, IX*, 513-534.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2005). Reflexões sobre o atendimento de meninas e mulheres vítimas de violência. *Novas Abordagens em Direitos Humanos: Enfrentamento à Violência, 1*(1), 34-42.
- Paixão, A. C. W., & Deslandes, S. F. (2010). Análise das políticas públicas de enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil. *Saúde e Sociedade, 19*(1), 114-126.
- Paredes, M., Leifer, M., & Kilbane, T. (2001). Maternal variables related to sexually abused children's functioning. *Child Abuse & Neglect, 25*, 1159-1176.
- Paolucci, E. O., Genuis, M. L., & Violato, C. (2001). A meta-analysis of the published research on the effects of child sexual abuse. *Journal of Psychology, 135*(1), 17-36.
- Pintello, D., & Zuravin, S. (2001). Intrafamilial child sexual abuse: predictors of postdisclosure maternal belief and protective action. *Child Maltreatment, 6*(4), 344-352.
- Plummer, C. A. (2006). The discovery process: what mothers see and do in gaining awareness of the sexual abuse of their children. *Child Abuse & Neglect, 30*, 1227-1237.
- Plummer, C. A.; Eastin, J.; & Aldaz, S. (2009). Hispanic mothers of sexually abused children: wxperiences, reactions, concerns. *Social Work Forum, 42/43*, 55-75.

Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia*. São Paulo: MBooks.

Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2007). Multigeracionalidade da violência: um estudo sobre mães de meninas vítimas de abuso sexual. In M. L. P. Leal, M. F. P. Leal, & R. M. C. Libório (Org.). *Tráfico de pessoas e violência sexual*. Brasília: Violes, Ser, Universidade de Brasília.

Tyler, K. A. (2002). Social and emotional outcomes of childhood sexual abuse: a review of recent research. *Aggression and Violent Behavior, 7*(6), 567-589.

Submissão: 1/10/2010

Aceitação: 23/11/2012